

Marxismo: pulsões históricas e o ainda-não-ser, segundo Ernst Bloch

Antonio Rufino Vieira¹

Atualmente, o tema da crise do marxismo preocupa muitos teóricos. Ao seu lado, a crise do socialismo real parece reforçar a idéia do fim da história e sua coincidência com o postulado que apresenta o capitalismo como a “única ideologia sã”. Mas, é possível fazer qualquer aprendizagem dessa crise? Defendemos que ela, em lugar de ser negativa, aparece, ao contrário, como um elemento vivificante do marxismo, permitindo indicá-lo como uma teoria válida e atual neste início do século XXI. Nesse sentido, continua viva a análise de Lênin, ao afirmar que “toda a teoria de Marx é a teoria da evolução, na sua forma mais lógica, mais completa, mais refletida e mais substancial, aplicada ao capitalismo contemporâneo”².

Entre todas as possíveis formas de abordagem do marxismo, escolhemos analisar as suas raízes histórico-concretas, tendo como referência o pensamento de Ernst Bloch, o qual demonstra que pertence à natureza histórica do homem encontrar as condições econômico-sociais para a elaboração de uma teoria do ainda-não-ser. Para ele, esta teoria só é concretizada em sua totalidade com o marxismo, através do qual são superadas teórica e praticamente as contradições entre o presente e o futuro, entre o já-sendo e o ad-vindo. Dessa forma é o futuro, o *Novum*, que dá sentido ao dinamismo da ação humana: o homem, insatisfeito com o estado atual vigente, antecipa um outro tipo de sociedade, guiando o presente através dessa antecipação. Uma nova

1 Professor no Departamento de Filosofia da UFPB e Coordenador do GT Ética e Cidadania/ANPOF
2 Vladimir Lenin, *O Estado e a Revolução*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979, p. 104.

ordem pode ser elaborada à medida que exista uma mudança qualitativa do próprio ser humano, objetivo este que se concretiza mediante as condições de luta oferecidas pela própria realidade a ser transformada, possibilitando, assim, que o homem se projete para além de si mesmo.

Essa antecipação tem suas raízes centradas na história humana: existe no momento em que o homem não fica subjogado a uma situação de opressão, de alienação, mas, antes, busca formas para eliminá-la. Nesse trabalho, analisaremos como ela acontece, de forma paliativa, na fome e no sonhar-de-olhos-abertos, possibilitando uma abertura para a construção de uma sociedade socialista, o projeto marxista por excelência.

O homem é um vasto campo de pulsões, as quais não podem existir sem o suporte corporal³. Dentre as diferentes formas de pulsão, entre elas o instinto sexual, o instinto de poder, da embriaguez, destaca-se como mais fundamental o instinto de conservação, identificado com a fome. Como precisa Bloch, “o instinto de conservação (melhor conhecido sob o nome de ‘fome’) é o único de todos os instintos ditos fundamentais que pode merecer este qualificativo”⁴.

A simples constatação de que a fome é originária faz da busca do alimento para o hoje uma luta, pois o homem tem consciência de que não é possível colher só para um dia, devendo prover-se para o amanhã. Providências devem ser tomadas afim de prevenir a fome, que vai reaparecer, gerando daí a produção do modo de vida do homem, o que, com o aumento da população, “pressupõe a existência de relações entre indivíduos”⁵, condicionados pela própria produção. Assim, a fome revela-se como real instrumento para mostrar os limites do homem.

É bom lembrar como o princípio esperança está ligado ao ato de o homem perceber-se não isolado no mundo (embora a sensação da fome seja individual), pois o que um come pode ser consumido por outro. Há, portanto, a abertura para a presença do outro. O perceber consciente, de que também o outro deve alimentar-se, possibilita o surgimento dos primeiros esboços de utopias sociais: se existem alguns que comem muito, e outros que nada comem, é porque persiste um clima de injustiça social. Apenas numa sociedade fraterna, solidária, igualitária, em nível internacional, é que distorções, como a fome, serão eliminadas, e todos os homens poderão produ-

3 Ernest Bloch, *Le Principe Espérance*. Tome I. Paris, Gallimard, 1976a, p. 64 e seguintes.

4 Idem, p. 87.

5 Karl Marx e Friedrich Engels, *A Ideologia Alemã I*. Lisboa-Santos, Presença-Martins Fontes, 1980, 19.

zir, de acordo com suas capacidades e consumir, segundo suas necessidades⁶.

A questão da fome, embora não resolvida em sua conotação prática, leva a uma outra. Suponha-se que o homem tenha satisfeito os seus desejos de ordem biológica, mas continue insatisfeito com a sociedade, com o tipo de vida que leva. Este homem sonha. Através do desejo, o homem procura algo melhor, o que estimula a sua ação, pois, para Bloch, todo querer é um querer fazer⁷. Como isto é possível, se o homem está por todos os lados, presos a fortes cadeias? Somente sonhando. Não um sonho que se volte para o passado, tal como é analisado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos*, mas um sonho-de-olhos-abertos. Para Freud e para a teoria psicanalítica, o sonho nada tem a ver com o futuro. Contrariamente à crença de que aquele o revela, Freud, após a análise de vários sonhos, conclui que é impossível inferir o segundo a partir do primeiro.

Percebe-se, assim, que mesmo nessa visão, o sonho tem um lugar importante na vida humana, no sentido de que é a via para a compreensão de dados passados, os quais, pelo processo onírico, tornam-se presentes, afetando a própria estrutura psíquica do sujeito. Assim, o sonho noturno é sempre um retorno ao passado já acontecido, em que o inconsciente, através de associações e situações vividas elabora uma globalidade. Além dos sonhos noturnos, existem, segundo Freud, sonhos de outra ordem, os sonhos diurnos, fantasias conscientes que procedem do mesmo modo, com seu conteúdo de representações.

Diferentemente do sonho diurno, Bloch mostra que o sonho acordado é o esboço, não do sonho noturno, mas de antecipação concreta do futuro. Seu conteúdo é a realidade presente, embora o indivíduo, utilizando-se apenas da imaginação, construa a antecipação do futuro, passando desde o sonho mais infantil e rudimentar até o mais responsável, lúcido, ativo e engajado na realidade.

Para Bloch, o sonho acordado possui quatro características⁸:

Em primeiro lugar, não exerce pressão alguma, permanecendo o sujeito senhor de si; enquanto o Ego noturno sucumbe no já acontecido, o Ego acordado se eleva para outros fins ainda não realizados. O sonho acordado também se diferencia do estado causado pelo efeito das drogas sobre o Ego, enfraquecendo-o. Assim, o sonho acorda-

- - - - -

6 Bloch, *Droit naturel et dignité humaine*. Paris, Payot, 1976b. E Marx, K. *El Capital*. México, FCE, 1982.

7 Ver Bloch. *Le Principe Esperance*, op. cit., p. 63.

8 Idem, p. 111-125.

do aparece como “uma técnica que o homem possui para se distinguir do presente imediato e esboçar de maneira imaginária uma outra situação”. O autor do sonho acordado é animado pela vontade de um mundo melhor; essa consciência varia segundo a intensidade da própria vontade, levando até a projetos concretos.

A segunda característica (tão ligada à primeira que Bloch apresenta no mesmo bloco de características) está relacionada com a sua crítica à análise freudiana de sonho noturno, onde o Ego é eliminado. O Ego, no sonho acordado, está sempre presente. Portanto, a imaginação atua com a permissão da consciência; é um ato em que a reflexão toma parte, estando guiado pela sabedoria da experiência.

Em terceiro, no sonho acordado busca-se sempre a melhoria do mundo e do cotidiano; aqui o homem não se prende apenas a sua individualidade, mas engloba outros egos; isto é, em comunidade com os outros eus, buscando a perfeição do mundo. O sonho acordado possui, portanto, dimensões utópicas, pois a consciência se dirige para um mundo novo e bom: “a ambição específica do sonho acordado é este, de um mundo melhor”⁹. Apresenta-se aqui a diferença entre o sonho noturno, que é antes de tudo uma regressão para a lembrança de fatos acontecidos, e o sonho acordado, que se volta para o ainda não acontecido. Esse sonho ainda forma, todavia, em suas dimensões utópicas, “*figuras perfeitas, tais que a terra ainda não possui*”¹⁰. É contudo, uma aspiração sã e real que constitui seu centro.

Finalmente, no sonho acordado persegue-se o objetivo visado até o fim. Desta forma, aquilo que era apenas aspirado torna-se uma expectativa, renunciando-se a toda satisfação fictícia ou à sublimação. Por esta razão, o sonho acordado tem um conteúdo de esperança utópica. Como o ponto essencial no sonho acordado é perseguir resolutamente seu fim, não pode ser confundido com a ilusão; sonho acordado é acompanhado de reflexão, na qual a imaginação utópica se abre para um mundo ainda imaginário de uma possibilidade concretizável. Enquanto o conteúdo do sonho noturno é simulado e alterado, o conteúdo do sonho acordado é manifesto, compondo e antecipando o seu teor latente, que é o porvir.

Todavia, se todos os homens sonham, nem todos, porém, sonham com o possível: “A pessoa fraca apenas sonha sem sair de si. A pessoa valente atua, sua força se projeta no exterior. Se o valente não se limita a girar em torno de si mesmo, ele também tem o seu

9 Idem, grifo do autor.

10 Idem, grifo do autor.

sonho. Também ele projeta para o exterior, desejos e objetivos que, em princípio, só se encontram em sua cabeça”¹¹.

Por conseguinte, segundo Bloch, a esperança é algo tipicamente humano, pois permite que o homem transcenda o real ao superá-lo. Os limites da esperança encontram-se na própria imperfeição humana. Os sonhos acordados permitem aspirar, concretamente, por uma sociedade justa. A esperança, atuando sobre uma realidade objetiva que virá, permite ao homem uma saída para o futuro¹². Bloch deixa claro, porém, que essa saída não ocorrerá gratuitamente, mas por um processo de construção do devir, onde estejam engajados todos os militantes, entre eles os filósofos, pois, segundo ele, os princípios da esperança abrem caminho para a compreensão ontológica do ainda-não-ser, permitindo verdadeiras antecipações do futuro.

11 Bloch, *El Principio Esperanza*. Tomo III. Madrid, Aguilar, 1980, p. 126, grifo do autor.

12 A. R. Vieira, *Marxismo e libertação*. João Pessoa, CCHLA/Ensaio, 2000.